

Fábio Christiano  
Cavalcanti Gonçalves\*  
Flora Oliveira de Souza  
Cardoso

Leonardo Brasil Mendes  
Ana Rita Sá Carneiro  
Lúcia Maria de Siqueira  
Cavalcanti Veras



## ONDE O MAR ARREBENTA NASCE UMA PAISAGEM: RECIFE, A CALÇADA DO MAR

144

pós-

### RESUMO

O presente artigo trata da paisagem da *Calçada do Mar*, referente ao alinhamento rochoso sedimentológico denominado arrecifes, situado na costa marítima da cidade do Recife (Pernambuco, Brasil). O propósito do estudo é compreender a significação sociocultural da paisagem em questão, fortemente associada ao nascimento e crescimento desta urbe. A fim alcançar tal objetivo, desenvolve-se uma análise reflexiva sobre a noção de paisagem a partir de uma abordagem fenomenológica, associada à observação e à experiência direta no espaço. Nessa perspectiva, também é discutida a relação entre natureza-sujeito e natureza-objeto da *Calçada do Mar*, na forma como ela tem sido objetificada e subjetivada na cidade. A conclusão aponta que, na história de formação do Recife, a *Calçada do Mar* se apresenta como um mito fundacional, no duplo sentido de gênese topológica e referencial imagético e também que, atualmente, por meio da experiência direta no espaço que a conforma, sua significação é potencialmente revelada na paisagem.

\* In memoriam.

### PALAVRAS-CHAVE

Recife (PE). Arrecifes. Paisagem.

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.11606/ISSN.2317-2762.v24i43p144-160](http://dx.doi.org/10.11606/ISSN.2317-2762.v24i43p144-160)

Pós, Rev. Programa Pós-Grad. Arquit. Urban. FAUUSP. São Paulo, v. 24, n. 43, p. 144-160, 2017

WHERE THE SEA CRASHES IN IS THE  
BIRTHPLACE OF A LANDSCAPE:  
RECIFE, *THE CAUSEWAY OF THE SEA*

ABSTRACT

This article deals with the landscape of the Calçada do Mar (Causeway of the Sea), a reference to the alignment of sedimentological rocks called reefs, which has taken shape off-shore in the city of Recife (Pernambuco, Brazil). The objective is to understand the socio-cultural significance of this landscape, which is associated with the birth and growth of this 'urbe'. To grasp what this means, a reflexive analysis is developed on the notion of landscape by following a phenomenological approach, which is associated with observation and direct experience in this space. On doing so, there is discussion on the relationship between nature-subject and nature-object of the Calçada do Mar, as to how this has been objectified and subjectivated in the city. It is concluded that in the history of the formation of Recife, the Calçada do Mar is presented as the myth of the city's foundation, in the sense of its being a topological genesis and image-filled point of reference, which today, because of direct experience in the space that shapes it, its meaning is potentially revealed in the landscape.

KEYWORDS

Recife (PE). Reefs. Landscape.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo discute a relação entre um elemento natural de conformação geológica – os arrecifes sedimentológicos da costa marítima – e a gênese do Recife. A cidade tem seu nome derivado justamente desse topônimo, originado do termo árabe *al-racif*, que significa “calçada ou caminho do mar”. Intui-se que a explicação para essa derivação não se limita a uma mera coincidência toponímica, pois é válido considerar, partindo de uma perspectiva mais ampla, que os arrecifes também se estabeleceram como paisagem construída à época de fundação da cidade – e também depois, à medida que ela foi se conformando.

Diante desse pressuposto, o objetivo do artigo é revelar a linha de arrecifes da costa marítima do Recife como uma paisagem matriz, que fez emergir o seu sentido enquanto gênese topológica e imagética da cidade. Mais especificamente, pretende-se discutir a paisagem do acidente geográfico denominado *Calçada do Mar* como objeto de significação sociocultural e paisagem referencial do Recife, para além de seu reconhecido valor paleobiológico. Coloca-se, assim, como questão orientadora: em que medida a *Calçada do Mar*, como condicionante da implantação do lócus urbano no Recife, configura uma paisagem de significação sociocultural da cidade, à parte a sua inegável importância biológica e material?

O presente trabalho parte da intuição de que a *Calçada do Mar* carrega, de forma latente e não explícita, um conjunto de sentidos mais amplo, que ultrapassa a sua condição de objeto natural e a define como paisagem referencial do Recife, trazendo de modo subjacente a ideia de gênese e mito fundacional dessa urbe.

Desde os tempos de fundação da cidade, esse local tem sido apreendido como objeto de apropriação material, seja como recurso natural a ser extraído (no caso da construção de edifícios a partir do uso de rocha arenítica), seja como suporte para construções infraestruturais (como muro de contenção do mar e o Forte do Picão<sup>1</sup>) ou de uso contemplativo (como a antiga Casa de Banhos e o conjunto de esculturas do artista plástico Francisco Brennand, além de uma mais recente proposta de “Requalificação Urbana do Molhe de Brasília Teimosa até o Parque de Esculturas<sup>2</sup>”). Evidenciam-se, assim, nas mais diversas formas de apropriação espacial dessa estrutura geológica, indícios de sua significação cultural e referencial para o Recife.

A fim de realizar esse propósito, foi desenvolvida, no âmbito teórico-metodológico, uma abordagem fenomenológica, baseada na observação (reflexiva) e na experiência direta da paisagem da *Calçada do Mar*. O pesquisador se coloca, assim, na dupla condição de sujeito e objeto dessa experiência, definida como intencional, ou melhor, *intensiva*<sup>3</sup>, capaz de promover uma análise reflexiva, na acepção definida por Embree (2011). Nesse processo, a dimensão sensível e a dimensão material da *Calçada do Mar* são associadas: como lugar topológico e como lócus de significação sociocultural ela é, respectivamente, objetivada e subjetivada.

A análise reflexiva<sup>4</sup>, como procedimento de interpretação fenomenológica, configura o momento de síntese na apreensão da paisagem. Síntese-entre o

<sup>1</sup> O Forte do Picão também foi conhecido como Forte de São Francisco da Barra, Castelo do Mar, Forte da Barra e Forte da Laje.

<sup>2</sup> Descrição / apresentação do projeto, de acordo com a Prefeitura do Recife, em 2009: “Projeto de urbanização do molhe portuário, a partir do bairro de Brasília Teimosa até o Parque das Esculturas, no bairro do Recife. Prevê a melhoria da qualidade ambiental e estética da paisagem geral da área, a adequação dos espaços tratados aos portadores de deficiência e o tratamento paisagístico. As obras contemplam o pier fluvial; espaços de estar e contemplação; ciclovia; pista de cooper; quiosques; posto policial; bateria de sanitários; vias para circulação viária e de pedestres e estacionamento”. Disponível em: <[http://www.recife.pe.gov.br/2009/08/12/prodetur\\_nordeste\\_ii\\_168023.php](http://www.recife.pe.gov.br/2009/08/12/prodetur_nordeste_ii_168023.php)>. Acesso em: 10 dez. 2014.

<sup>3</sup> A *intensiva*, segundo Embree (2011), é muito mais do que “propósito”. Refere-se ao modo como os processos subjetivos estão dirigidos aos objetos, como processos que se referem ao passado e ao futuro.

<sup>4</sup> A análise reflexiva, na acepção de Embree (2011) se distingue da irreflexão, em razão desta nos possibilitar atingir somente a aparência das coisas, a partir das sensações, guiada por atitude meramente contemplativa. Por sua vez, a reflexividade é a atividade relacionada ao pensamento, aos processos mentais, à observação consciente.

mundo interior (do sujeito) e o mundo exterior (que o envolve), entre o subjetivo e o objetivo, e também entre o passado e o futuro, o que possibilita pensá-la a partir do momento presente. A paisagem é então percebida nas suas dimensões referencial e memorial, o que viabiliza a sua compreensão enquanto fenômeno aprendido pela experiência direta, ou seja, tal como vivido e vivenciado pelo sujeito (na forma como se lhe apresenta).

Diante de tais direcionamentos, faz-se necessário compreender o processo de instauração da paisagem a partir do sujeito cognoscente. Portanto, o artigo fundamenta-se nas contribuições teóricas de Georg Simmel, sobretudo em seu texto seminal *Filosofia da paisagem*. Também servem de fundamentação teórica ao artigo as reflexões contemporâneas sobre o assunto, nos trabalhos de Adriana Veríssimo Serrão, Augustin Berque e Michel Corajoud.

Para o entendimento da paisagem como gênese topológica e referencial, aporta-se na pesquisa histórica sobre a formação do lugar, de modo a compreender como essa paisagem se configura no momento de nascimento da cidade do Recife e como ela foi sendo “construída” imagicamente como uma paisagem referencial para a cidade. Essa reflexão toma como base as contribuições de Jacques Le Goff e Pierre Nora, especificamente no que tange ao seu entendimento sobre a memória, história e identidade, o que permite lançar luz sobre alguns elementos iconográficos e dados bibliográficos coletados sobre a *Calçada do Mar*.

Pelo exposto, percebe-se que o presente texto parte de uma problematização que confere à *Calçada do Mar* a posição de paisagem-gênese. A investigação, além disso, situa-se no atual contexto de desenvolvimento urbano do Recife, especialmente pelo redesenho que suas bordas marítimas vêm sofrendo, em meio às pressões imobiliárias de ocupação verticalizada desses espaços.

Na sequência, a percepção do arrecife como elemento fundacional da cidade do Recife ganha destaque. Aqui, o desenvolvimento dessa urbe a partir dessa linha rochosa praial ganha uma abordagem de cunho histórico. Discute-se, desse modo, a relação entre natureza-sujeito e natureza-objeto, a fim de se refletir sobre como a *Calçada do Mar* se apresentou e se apresenta enquanto elemento natural determinante para proteção da cidade contra a arrebentação do mar, e como ela tem sido objetificada nos processos de apropriação e uso desse espaço. Por fim, aborda-se a *Calçada do Mar* pela condição de paisagem híbrida, entre *natura* e *cultura*, reveladora de atributos naturais e culturais indissociáveis, constituindo o significado sociocultural desse lócus urbano.

## A CALÇADA DO MAR

A linha de arrecifes do Recife, enquanto elemento geológico, foi batizada oficialmente como *Calçada do Mar* a partir de registro realizado pela Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos do Brasil (SIGEP), realizada em 2013, sob a classificação de sítio sedimentológico, conforme Barreto et al. (2010) e Winge (2013).



Figura 1: Foto aérea do alinhamento de arrecifes em período de preamar, a partir da praia da Boa Viagem – Recife, PE. Ao fundo, a praia do Pina–(bairro de Brasília Teimosa). Foto: cortesia André Emery.

A *Calçada do Mar*, portanto, é um arrecife sedimentar de formação rochosa praial, constituído de areias e cascalhos cimentados por carbonato de cálcio (que formam a composição do arenito). Percorrendo uma linha que acompanha a costa da cidade do Recife de sul a norte (Figura 1) e que parte, especificamente, da praia de Boa Viagem, passando pela praia do Pina no bairro de Brasília Teimosa, e culmina no bairro do Recife (na altura da desembocadura dos rios Beberibe e Capibaribe), a *Calçada* está localizada entre as latitudes de 8°04' e 8°08'30" sul e as longitudes de 34°51'30" e 34°54'25', com cerca de 10 km (dez quilômetros) de extensão e largura variando entre 15 m (quinze metros) e 25 m (vinte e cinco metros). Vale mencionar ainda que, segundo Barreto (2010, p. 3), nesse lugar *"encontram-se registrados [...] os aspectos da evolução geológica de formação das planícies holocênicas, incluindo a última transgressão e posterior regressão na costa pernambucana e brasileira"*.

É possível verificar que essa linha rochosa praial de arenito apresenta uma ruptura<sup>5</sup>, na altura da praia do Pina, que divide esse conjunto geológico em duas partes, uma de 6 km (seis quilômetros), da face norte do Pina ao bairro do Recife, e outra de 4 km (quatro quilômetros), da parte sul do Pina a Boa Viagem. A causa da ruptura é atribuída, em parte, a ações antrópicas do passado (BARRETO et al., 2010) que provavelmente remontam ao período de colonização

portuguesa e holandesa, quando blocos de arenito dos arrecifes foram retirados para a construção de edificações na então vila de Olinda e, posteriormente, na Mauritiópolis<sup>6</sup> – Recife.

Vale ressaltar que, no âmbito da legislação municipal do Recife – Plano Diretor (Lei 17.511/08) a *Calçada do Mar* se encontra inserida na Zona de Ambiente Natural Orla – ZAN Orla, o que lhe confere proteção e legislação específica, assim como, no Sistema Municipal de Unidades Protegidas (Lei 18.014/14), como parte da orla marítima e de seus recifes costeiros, é um *ambiente natural* que lhe garante a denominação de "Unidade Protegida" regida, também, por esta lei específica.

Por outro lado, observa-se que há, ao lado dessa proteção legal, uma apropriação social do espaço, em consequência das vazantes que descobrem a estrutura geológica e permitem uma reconfiguração da praia e do uso da água nas localidades do Pina e de Boa Viagem. Nos períodos de baixa-mar, as estruturas geológicas descobertas funcionam como barreiras de proteção contra o avanço do mar, permitindo a formação de piscinas naturais bastante utilizadas pela população, que assim pode usufruir de banhos em águas amenas. Contudo, cabe aqui formular a seguinte pergunta: tal apropriação reconhece a importância sênica da *Calçada do Mar*, seu valor simbólico e cultural, além da função de proteção e lazer desfrutada pelos banhistas das piscinas de águas mornas e calmas, propícias ao relaxamento e à diversão?

<sup>5</sup> Essa ruptura não é facilmente observável em função da dinâmica das marés, de cheias e vazantes. Mas um indício da falta de arenitos no trecho identificado pode ser notado pela existência de muro de contenção construído para conter o avanço do mar existente no trecho da praia do Pina, na orla do Bairro de Brasília Teimosa, justamente para suprir a proteção natural ali não mais existente.

<sup>6</sup> O nome Mauritiópolis (*Mauritsstad* em holandês) faz referência à cidade planejada e desenvolvida pelo Conde João Maurício de Nassau-Siegen, na então ilha de Antônio Vaz, no Recife, hoje bairros de Santo Antônio e São José, quando ele foi responsável pela administração desse território, no período de dominação neerlandesa no Brasil, entre 1630 e 1654.

Ainda que a resposta a essa pergunta seja negativa, estruturas geológicas como a *Calçada do Mar*, entretanto, são objeto de interesse de preservação previsto na Constituição Federal de 1988, que em seu artigo 205 coloca:

*Compete aos estados e aos municípios, em consonância com a União, nos termos da lei, proteger áreas de interesse cultural e ambiental, especialmente os arrecifes, os mananciais de interesse público e suas bacias, os locais de pouso, alimentação e/ou reprodução da fauna, bem como áreas de ocorrências de endemismos e raros bancos genéticos e as habitadas por organismos raros, vulneráveis, ameaçados ou em via de extinção.* (BRASIL, 1988, grifos nossos).

Em consonância com essa perspectiva, destacamos da Declaração Internacional de Direito à Memória da Terra<sup>7</sup> um de seus pressupostos: “*Nossa história e a história da Terra estão intimamente entrelaçadas. As origens de uma são as origens de outra. A história da Terra é nossa história, o futuro da Terra será nosso futuro*”.

Voltando à *Calçada do Mar*, pode-se dizer que a revelação de sua condição híbrida de natureza e cultura, ao lado de seu caráter genético de paisagem fundacional do Recife, além de evidenciar sua dimensão imanente e mais material, permite a elaboração de uma perspectiva mais rica e ampliada sobre esse elemento. Promove-se, dessa maneira, um olhar mais reflexivo sobre a cidade. Mais ou menos como um espelho é capaz de induzir certo estado de introspecção em quem o observa, também esse olhar mais amplo sobre os arrecifes convida à reflexão sobre seu sentido para uma cidade que, já em seu topônimo, o revela: Recife, que deriva de arrecife, é termo oriundo da palavra árabe *al-racif*, que significa calçada ou caminho do mar.

Como consequência disso, também os processos de construção urbanos, se não atentos a essa paisagem, podem comprometer sobremaneira o entendimento do Recife como cidade, que está intrinsecamente associada a uma estrutura geológica que, embora latente, parece se constituir numa paisagem imersa, metaforicamente falando.

## OS ARRECIFES COMO ELEMENTO FUNDACIONAL DA CIDADE DO RECIFE

Como ex-colônia portuguesa, a área onde hoje se encontra parte da cidade do Recife foi concebida para fins de exploração econômica, prevalecendo sempre uma visão extremamente utilitarista, extrativista e exploratória. Logo, o recife rochoso, desde os primeiros contatos com o colonizador, foi apropriado como matéria prima para construção de edifícios e outras estruturas e, principalmente, como ancoradouro natural e barreira para abrandar as águas revoltas, facilitando a navegação (SOUZA, 2002), como bem se pode observar em Barreto (2010) e na imagem produzida por August Stahl<sup>8</sup>.

Os arenitos de praia de Recife (PE) também têm importância histórica, pois permitiram o aporte dos portugueses na região na primeira metade do século XVI, funcionando como ancoradouros naturais e barreira de proteção; as embarcações, providas especialmente da Europa, ali desfrutavam de um fácil acesso que culminou com o estabelecimento do Porto de Recife. (BARRETO, 2010, p. 3)

<sup>7</sup> Declaração Internacional de Direito à Memória da Terra (Digne, 1991). Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, 1991, p. 147-148. Tradução: Miguel M. Ramalho. Disponível em: <<http://www.progeo.pt/pdfs/direitos.pdf>>. Acesso em 10 dez. 2014. Esta Declaração foi realizada na cidade de Digne-Bains, na França, de 11 a 13 de junho de 1991, no âmbito do 1º Simpósio Internacional sobre a Proteção do Patrimônio Geológico.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/brasiana/handle/bras/2322>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

O intenso fluxo de navios proporcionava o escoamento da cana-de-açúcar e do pau-brasil para os mercados europeus e resultou na consolidação de um ancoradouro e de um pequeno comércio de mascates próximo à zona portuária (SOUZA, 2002).

Nesse sentido, de uma forma geral, as referências históricas sobre o atual Porto do Recife traduzem uma visão utilitarista dos arenitos rochosos e a intenção de alavancar as atividades do porto a partir de informações sobre a existência de um local com condições de navegação e ancoragem próximo da cidade de Olinda. Isto fica bem claro com o texto do reverendo Baer transcrito por Mario Sette (1978, p. 31) e com a imagem de Diogo Campos Moreno, de 1616 (ver REIS, 2000):

*Ao sul de Olinda estende-se um banco de areia [...] contra o qual bate o mar; seguindo-se uma hora grande ou mais de caminho, pelo banco de areia, acha-se uma aldeia; [...] a um tiro de peça desta aldeia para o lado de Olinda está sobre (sic) o mesmo banco um castelo ou forte [...] bem defronte do castelo do forte há um outro castelo que é uma torre octogonal; entre os dois castelos onde a água tem a largura de um tiro de canhão entram os navios [...] e carregam na aldeia situada no extremo de um dos bancos onde achavam-se muitos armazéns.*

<sup>9</sup> Disponível em: <[http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/visualizador/i/ult\\_frame.php?cod=228](http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/visualizador/i/ult_frame.php?cod=228)>. Acesso em: 14 jul. 2015.

No entanto, qual é o elemento fundacional da cidade do Recife? São os recifes rochosos ou é o porto? Pode-se entender que o elemento fundacional é o arenito rochoso ao qual se deu forma e uso de porto, devido à sua propensão a atracadouro natural. Assim, entende-se que o Recife sem a animação portuária não se constituiria como uma centralidade, rompendo o domínio de Olinda, a capital naquela época.

Portanto, historicamente, o porto alicerçado sobre os recifes rochosos se constituiu como uma centralidade e, conseqüentemente, passou a marcar o povo que ali se fixava, nascia e coexistia, construindo uma referência a partir dos arrecifes – um atracadouro natural: “[...] esses recifes inspiraram os nomes que a cidade do Recife teve ao longo do tempo, a saber: ‘Arrecifes dos Navios’, ‘Porto dos Arrecifes’, ‘Porto dos Navios’, ‘Ribeira Marinha dos Arrecifes’ e ‘Recife’ [...]” (BARRETO et al., 2010, p. 3).

Essa marca é construída a partir das atividades porto-mercantis<sup>9</sup> que induziam a uma interação com os arrecifes. Segundo Mario Sette (1978, p. 29), “as vagas golpeavam a murada dos arrecifes, cresciam num tapume de espumas, tombavam de supetão molhando as pedras plantadas por Deus para darem abrigo e nomear uma cidade”.

Há também contextualizações do mesmo elemento de forma mais poética, como faz Joaquim Nabuco citado por Mario Sette (1978, p. 63), “[...] o oceano vem se quebrar diante dela em um lençol de espumas por sobre o extenso recife que a guarda como trincheira, genuflexório imenso, onde o eterno aluidor de terras se ajoelhará ainda por séculos [...]”.

Nota-se que Joaquim Nabuco conferiu a um mero quebra-mar a função de guardar a cidade e acalmar o oceano. Conferiu-lhe também o efeito de formar lençóis de espuma. Diante disso, e utilizando-se de uma expressão de Simmel (2009, p.17), “[...] estamos perante a paisagem, natural ou artística, e o ato que para nós a suscita é, de forma imediata, contemplativo e afetivo, que só



na reflexão ulterior se cinde nestas particularidades”. Mas quando se deu a gênese da *Calçada do Mar* como paisagem? A teria inventado o próprio Joaquim Nabuco?

Segundo Cauquelin (2007), é impossível definir o começo (a gênese) de uma paisagem, uma vez que ela, como mescla de cultura e natureza, não permite a datação de um início, ainda que permita arbitrar o surgimento de uma noção de paisagem.

Por outro lado, o que se está a verificar é a permanência desse sentido de gênese, de fundação e de continuidade de uma cidade, impregnada nos arrecifes rochosos como objeto e sujeito de uma história. Isso reafirma assim não só o topônimo que nomeia a urbe em questão, mas também o entendimento da paisagem como produto e processo de construção humana: determinante em alguma medida, mas substancialmente determinada pelo homem.

Ou seja, as pedras que deram nome à cidade do Recife também possuem marcas identitárias que estabelecem o seu vínculo com o próprio passado e o próprio presente.

### A CALÇADA DO MAR: UMA PAISAGEM DE POROSIDADES

O presente artigo busca também explorar, ainda que de forma breve, um entendimento da noção de paisagem com base em certas concepções filosóficas, na perspectiva de revelar a *Calçada do Mar* – uma linha de arrecifes – enquanto forma de desvelar entendimentos de categorias do pensamento.

Nesse sentido, recorreremos à noção de paisagem formulada por Georg Simmel, em seu conhecido texto *Filosofia da paisagem*, publicado em 1913. Para Serrão (2011), Simmel é o primeiro a compreender a paisagem como uma categoria do pensamento, como objeto de conhecimento no campo da filosofia, dado o seu interesse especial na relação homem-natureza. Afinal, “*para Simmel, a paisagem é uma experiência do indivíduo moderno, ignorada nas épocas precedentes em que prevalecia um sentimento da Natureza*” (SERRÃO, 2011, p. 18; grifo no original).

Parece oportuno esse entendimento da noção de paisagem, principalmente ao tratar de um elemento eminentemente ‘da Natureza’. A linha rochosa praial com a qual nos defrontamos é dessa maneira vista, metafórica e também literalmente, como um limite entre o aquém e o além-mar – uma porção da natureza reconhecível em sua constituição natural e em sua significação cultural.

Não se quer com isso forçar uma culturalização da *natura* – criar uma segunda natureza que só possui existência na mente dos homens –, mas estabelecer os pontos de contato que esse elemento geográfico, na sua condição mesma de elemento natural, mantém com a ideia de criação cultural que é a cidade. Isso pelo menos desde o século XVII, já que esse elemento possibilitou efetivamente o estabelecimento de um porto e, daí, a fundação do Recife.

Compreende-se, a partir de Simmel, que “*a paisagem, [...], enquanto porção da natureza implica a percepção de um pequeno todo que é recortado da*



*totalidade natural [...]*” (SERRÃO, 2011, p. 16; grifo no original). Tal ato ou gesto de recorte é, pois, um processo eminentemente humano de apreensão do mundo. Dessa maneira, o extrato da Natureza – linha de arrecifes – passa a ser compreendido como elemento fundante de um segundo – a cidade –, de uma paisagem que possivelmente não estava dada, mas que se definiu e se tornou apreensível a partir de uma intenção e formulação do próprio sujeito, pois “*se os elementos estão aí, e são identificáveis um por um como os rios, montes, árvores, nuvens, casas..., vê-los enquanto paisagem implica precisamente a apreensão sinóptica de uma unidade que não está lá*” (SERRÃO, 2011, p. 16) – mas que é concebida por nós em nossas reflexões.

Seguindo essa linha de pensamento, o registro dessa linha de arrecifes realizado pelo naturalista Charles Darwin, quando de sua passagem pelo Recife no século XIX, merece atenção. Segundo Barreto et al. (2010, p. 2; grifo no original), “*Charles Darwin<sup>10</sup> em 1841 mencionou o recife da cidade de Recife, chamando-o ‘a remarkable bar of sandstone’ [um notável banco de arenito]*”, fixando em um desenho esse acidente geográfico, representado a partir de um corte transversal.

Será que no momento em que Darwin recorta a linha de rocha praial, ele não estaria, ainda que condicionado pelo aspecto puramente geológico, em função de sua preocupação de naturalista, configurando um “para-si”, ou seja, recortando esse elemento com uma unidade de compreensão?

Se aplicarmos essa pergunta ao contexto do século XVII, quando os colonizadores neerlandeses decidiram estabelecer naquela região o seu lócus de permanência, não seria possível supor que já se entevia o desenho de um porto e de uma cidade antes mesmo de eles serem construídos? É assim que no poema de Carlos Pena Filho intitulado *O início* essa imagem nos vem à tona:

No ponto onde o mar se extingue  
e as areias se levantam  
cavaram seus alicerces  
na surda sombra da terra  
e levantaram seus muros  
do frio sono das pedras.  
Depois armaram seus flancos:  
trinta bandeiras azuis  
plantadas no litoral.  
Hoje, serena, flutua,  
metade roubada ao mar,  
metade à imaginação,  
pois é do sonho dos homens  
que uma cidade se inventa.<sup>11</sup>

Carlos Pena Filho (1999, p. 129)

Entende-se então que esse processo de apreensão da paisagem a partir de um excerto da natureza é capaz de constituir uma nova totalidade, uma nova unidade. Assim, a configuração de uma paisagem como imagem pode ser compreendida a partir de uma intenção marcada por um ato cognitivo do sujeito (o que Simmel chama de “*disposição anímica*” – *Stimmung*). Ao recortar da natureza um fragmento (apreendido e formado em unidade), o sujeito revela, como uma reabertura, uma paisagem (enquanto entidade autônoma diferenciada).

<sup>10</sup> “*In entering the harbour of Pernambuco, a vessel passes close round the point of a long reef, which, viewed at high water when the waves break heavily over it, would naturally be thought to be of coral-formation, but when beheld at low water it might be mistaken for an artificial breakwater, erected by cyclopean workmen. At low tide it shows itself as a smooth level-topped ridge, from thirty to sixty yards in width, with even sides, and extending in a perfectly straight line, for several miles, parallel to the shore. Off the town it includes a shallow lagoon or channel about half a mile in width, which further south decreases to scarcely more than a hundred yards. Close within the northern point ships lie moored alongside the reef to old guns let into it*”. In: Darwin, C. R. 1841. *On a remarkable bar of sandstone off Pernambuco, on the coast of Brazil*. The London, Edinburgh and Dublin Philosophical Magazine (Ser. 3) 19 (October): 257-260, 1 text figure. Disponível em: <[http://darwin-online.org.uk/converted/published/1841\\_pernambuco\\_F266.html](http://darwin-online.org.uk/converted/published/1841_pernambuco_F266.html)>. Acesso em: 10 dez. 2014.

<sup>11</sup> “O Início”, trecho do poema intitulado “Guia Prático da Cidade do Recife”.

Dessa forma, Simmel postula que *“a natureza, que no seu ser e no seu sentido profundos nada sabe da individualidade, graças ao olhar humano que a divide e das partes constitui unidades particulares, é reorganizada para ser a individualidade respectiva que apelidamos de paisagem”* (SIMMEL, 2009, p. 7).

Compreende-se, então, que é justamente por meio da relação entre um “eu que vê” e um “eu que sente” que o sujeito retira da unidade caótica do mundo um fragmento, reorganizando-a a partir de sua experiência e de seu sentimento. Ele é, portanto, capaz de constituir a nova unidade (uma nova totalidade) que é a paisagem, devido à sua *“[...] peculiar forma de apreender as coisas naturais, que, justamente enquanto forma, reside no espírito e não nas coisas; não é um dado em-si, mas implica um para-si”* (SERRÃO, 2011, p. 17).

Essa perspectiva destaca a noção de que esse lugar do Recife, formado de pedra e água, revela-se enquanto paisagem, pois há muito tempo a linha rochosa praial, mesmo que se apresente hoje como um simples elemento natural presente na linha do horizonte da cidade, abrangeu um “para-si” no seu processo de constituição. Contudo, cabe ainda a pergunta: e o que tal elemento representa na atualidade? Embora inquirir as pessoas de hoje sobre a sua percepção acerca da *Calçada do Mar* extrapole o propósito deste artigo, essa questão, longe de ser simplesmente desconsiderada, vem a servir como elemento indutor em nossa discussão – com base na compreensão da história de construção da cidade e da observação do uso no espaço recortado *a priori* como paisagem.

Para tanto, outra questão deve ser levantada: como se pode apreender a *Calçada do Mar* enquanto paisagem? Para refletir sobre essa pergunta, vale a pena recorrer às noções do arquiteto Michel Corajoud, especialmente ao seu conceito de porosidade: *“Numa paisagem, a unidade das partes, a sua forma, vale menos que o seu extravasamento; não existem contornos francos, cada superfície treme e organiza-se de tal maneira que se abre essencialmente para o exterior”* (CORAJOUD, 2011, p. 216).

Sobre isso, Serrão entende que *“cada paisagem tende, devido a esta porosidade das suas ‘fronteiras’, a extravasar os seus limites físicos, a abrir-se para o exterior e, inclusive, a fundir-se com os elementos intersticiais das paisagens contíguas [...]”* (SERRÃO, 2011, p. 214).

Essa porosidade implica o estabelecimento de relações entre o elemento em si – o objeto *Calçada do Mar* – e o seu entorno, o que fundamenta a compreensão de que *“a paisagem é o lugar do relacional onde todos os locais só são compreensíveis por referência a um conjunto que se integra, por sua vez, num conjunto mais vasto”* (CORAJOUD, 2011, p. 217).

Abrimos aqui um espaço para afirmar que a metáfora da porosidade da paisagem também pode ser compreendida de um ponto de vista mais concreto e literal no que se refere ao elemento geográfico deste estudo. Isso significa que a condição de porosidade se manifesta de fato no elemento rochoso de composição sedimentar – o arenito. Logo, a permeabilidade de sua constituição material garante o estabelecimento de relações de troca contínuas com o meio onde se encontra, sendo constantemente impregnado por esse mesmo meio<sup>12</sup>.

Por meio da imagem acima formada chegamos à noção de paisagem como mediação, formulada por Berque, que pode bem explicar essa capacidade

<sup>12</sup> A porosidade é uma característica do arenito perceptível a olho nu, sendo a rocha de fácil identificação nas construções do século XVII no Recife. Embora tenha sido utilizado como elemento construtivo de pilares de sustentação de muitas dessas construções, apresenta-se ao mesmo tempo como elemento frágil ao simples toque das mãos, em razão de sua alta porosidade, desfazendo-se com certa facilidade, virando novamente areia e cascalho de mar.

relacional da paisagem como “[...] *interações dinâmicas que constituem os meios (milieux) de implantação das comunidades*” (SERRÃO, 2011, p. 21). Para Berque “*o meio é uma entidade relacional, construída por mediações diversas que se estabelecem entre seus constituintes, tanto os subjetivos como os objetivos. A paisagem é uma entre elas*” (BERQUE, 2012, p. 41).

Observa-se então que a *Calçada do Mar*, já desde sua composição material – rocha sedimentar arenítica – apresenta como característica fundamental a condição de ser permeável, porosa. E essa condição se faz presente na sua relação com o homem. Senão vejamos: essa linha de rocha praial, localizada na costa do Recife, foi compreendida como um porto natural. A partir dessa percepção, o significado desse elemento natural teria sido transposto e ampliado: de mero acidente geográfico a uma paisagem referencial de uma cultura nascente. Por outro lado, essa imagem não estava dada na natureza, mas foi criada pelo homem a partir de uma necessidade típica do processo de ocupação. Isso certamente o capacitou a enxergar, em meio a um contexto aparentemente inóspito para a fundação de uma cidade, um local que serviria de abrigo a pessoas e que viabilizaria seu desenvolvimento, protegido da força agressiva com a qual a natureza se manifesta (a força do mar).

Parece então que se vivifica ainda mais a noção da paisagem como meio, oferecida por Berque: “*A mediança anima a paisagem. Pode-se, nesse sentido, considerá-la como um equivalente do que os chineses chamaram de ‘intenção’ (yi) da paisagem ou a ‘propensão’ (shi) das coisas*” (BERQUE, 2012, p. 41).

Esse entendimento revela, a princípio, que o banco de arenito aqui considerado pode ser apreendido enquanto paisagem, tanto devido à intenção de que ele constitísse um porto, quanto pelo fato de que a partir dele se fundou uma cidade, como lócus de permanência de uma comunidade.

Somado ao entendimento anterior, o filósofo italiano Rosario Assunto compreende a paisagem como unidade sintética e espaço de existência, na qual “[...] *a temporalidade é um elemento essencial para a definição da paisagem*”, considerando que “[...] *um espaço sem tempo nunca será uma paisagem*” (SERRÃO, 2011, p. 27).

Além disso, associado a essa abordagem, Corajoud defende que “*com efeito, na própria carne da paisagem imprime-se e perduram todos os estigmas do passado. A paisagem é uma memória e eu posso interrogá-la*” (CORAJOUD, 2011, p. 217).

Se a *Calçada do Mar* se apresenta como lugar de memória, ou seja, compreende a existência de uma temporalidade – que é simultaneamente passado, presente e futuro nela mesma –, e se é possível “interrogá-la” com a finalidade de inquirir a respeito de sua constituição no tempo e no espaço, concluímos que se trata, aqui, de uma paisagem (a *Calçada do Mar*) com espaço e tempo legíveis.

Assim, o homem, como ser temporal e espacial, é capaz de apreender a *Calçada do Mar* como uma referência para si mesmo, dado que as condições para tanto ainda estão materialmente presentes e são potencialmente sensíveis. Na *Calçada*, podemos encontrar os nexos subjetivos e objetivos que interconectam os tempos passado, presente e futuro – expressos, por sua vez, na porosidade de sua carne geológica.

## A CALÇADA DO MAR ENQUANTO PAISAGEM REFERENCIAL DO RECIFE

O quê, nessa paisagem, permitiria que o homem se reconhecesse, a partir dessa formação rochosa onde quebram as ondas do mar? Que atributos seriam esses? Para Le Goff, a “[...] *memória é o elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva [...]*”, e ainda afirma que a busca pela identidade “[...] *é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...]*” (LE GOFF, 1992, p. 476).

Memória e identidade estão intrinsecamente ligadas. Possuem, porém, domínios temporais diferentes: “*a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro*” (LE GOFF, 1992, p. 477). A memória nutre a identidade, servindo diretamente ao homem contemporâneo que através dela se perpetua no futuro.

A paisagem referencial teria então a capacidade de envolver sujeito e meio através de seu extravasamento, fazendo com que a memória produzida ao longo de um processo que envolve marcos e acontecimentos permaneça – a paisagem é, enfim, um lugar de memória. Pierre Nora mostra que os lugares de memória têm uma razão fundamental de ser, que é “[...] *parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial, [...]* prender o máximo de sentido num mínimo de sinais [...]” (NORA, 1981, p. 22).

Entretanto, o “*parar o tempo*” acima referido não deve ser tomado literalmente. Não só porque se trata de algo impossível e indesejável – sobretudo quando se trata de um elemento de origem natural –, mas também porque os arrecifes estiveram e estão constantemente sob a ação degenerativa e modificadora da própria natureza criadora. Não bastasse, a paisagem também sofreu uma série de intervenções realizadas pelo espírito utilitarista do homem do século XVII, que enxergou na formação rochosa as condições para o estabelecimento de um porto. É o que assinala Nora ao descrever de forma apaixonante sobre o grande valor dos lugares de memória: eles “*vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações*” (NORA, 1981, p. 22).

A metamorfose deixa marcas, e a cada transformação da *Calçada do Mar* mais uma linha é escrita em sua superfície rochosa, todas elas contando um pouco da história do Recife. É uma paisagem que passa por toda uma trajetória de ressignificações, e que expressa uma cultura que teve naquele lugar o seu nascedouro, proveniente no início das atividades porto-mercantis. Atualmente, diferentes formas de apropriação desse lugar convivem entre si. Além disso, não há propriamente uma unicidade na constelação de signos que podem ser associados aos arrecifes, trata-se, antes, de uma paisagem de porosidades. Como, então, essa paisagem ainda resiste, continuando a nos remeter à gênese da cidade do Recife?

Ao longo dessa extensa linha rochosa, diferentes contatos com o continente podem ser identificados, como nos mostra Barreto et al. (2010, p. 5): “*cada*

*praia [Pina, incluindo a localidade Brasília Teimosa e Boa Viagem] apresenta padrões socioculturais de ocupação próprios. A região do corpo ao norte (centro do Recife) [aqui considerado Pina / Brasília Teimosa] é ocupada por uma forte associação de pescadores, que vive da comercialização e culinária de pescado, sendo hoje considerado um ponto turístico cultural relevante. Na praia de Boa Viagem, ao sul, concentram-se numerosos hotéis e edifícios residenciais". Os perfis econômicos dessas duas formas de ocupação são como que extremos opostos, o que se reflete na própria forma da cidade. Brasília Teimosa (Figura 2) é fruto de uma ocupação que se iniciou em 1947 e é hoje classificada como uma Zona Especial de Interesse Social (ZEIS), segundo a Lei de Uso e Ocupação do Solo do Recife. Já o bairro de Boa Viagem (Figura 3) possui grandes torres de alto valor imobiliário e padrão de construção.*

Próximo ao Bairro do Recife (Figura 4), verificamos outro tipo de contato com os arrecifes – é o lugar onde o uso portuário se intensificou, o trecho mais “urbanizado” da *Calçada do Mar*. Os usuários dessa área geralmente são turistas que realizam a travessia de barco entre o Marco Zero, no bairro do Recife, e o Parque das Esculturas Francisco Brennand (Figura 5), construído sobre os arrecifes. Nesse espaço é possível perceber um notável culto ao antigo e à história, ainda que esculturas do artista confirmem um “ar” algo surrealista à paisagem – no contraste com arranha-céus ao longe, situados em Boa Viagem.

Esses três trechos (Bairro do Recife, Pina / Brasília Teimosa e Boa Viagem) são habitados e utilizados por grupos que em princípio possuem interesses e práticas sociais distintas (Figuras 6 e 7). Eles não podem, por isso, ser vistos como semelhantes, nem como setores da sociedade que dialogam entre si, ainda que estabeleçam com o mesmo objeto uma relação de referência cultural para a qual não são neutros os sentimentos subjetivos de cada um.

*Nesta paisagem, em que coexistem muitas histórias diferentes, vivemos e movemo-nos como actores num cenário, ao mesmo tempo que somos também espectadores. Vamos aparecendo em cada acto, atravessando uma praça ou conversando com amigos; mas ao observarmos à nossa volta, sabemos que também somos uma paisagem: reconhecemos o significado dos nossos actos e daquilo que fazemos. Por tudo isto, podemos dizer que a paisagem é a interface entre fazermos e vermos o que fazemos; é o território tal e qual o percebemos e, desta forma, inclui todas as nossas acções a par com as da natureza. (NÓS SOMOS..., 2012, p. 16).*

Se, como está posto no trecho acima do documento *Nós somos a paisagem*, os indivíduos produzem a paisagem ao mesmo tempo em que nela se percebem, como se daria a construção da identidade coletiva de uma cidade como Recife? Talvez através da percepção coletiva, ou seja: “[...] *quando contemplamos um panorama especialmente espetacular estamos conscientes de que não somos só nós que percebemos essa beleza, mas que essa sensação é compartilhada por muitas mais pessoas [...]*” (NÓS SOMOS..., 2012, p.16).

A chave da percepção coletiva da *Calçada do Mar* está no componente imagético do caráter fundacional da cidade, em uma paisagem-gênese que possibilita o olhar reflexivo sobre o Recife. A necessidade desse reconhecimento se apresenta de forma emergencial. Isso porque se os processos contemporâneos de redesenho de parte da borda marítima da



Figura 2: Vista de Brasília Teimosa a partir dos arrecifes.  
Foto: Fábio Cavalcanti (dez/2014).



Figura 3: Vista de Boa Viagem a partir dos arrecifes.  
Foto: Fábio Cavalcanti (dez/2014).



Figura 4: *Calçada do Mar* urbanizada.  
Foto: Fábio Cavalcanti (dez/2014).



Figura 5: Parque de Esculturas Francisco Brennand.  
Foto: Flora Oliveira (maio/2014).



Figura 6: Arrecifes em seu estado natural.  
Foto: Fábio Cavalcanti (dez/2014).



Figura 7: Usos na Praia do Pina.  
Foto: Fábio Cavalcanti (dez/2014).

cidade não estiverem atentos a essa paisagem de grande importância sociocultural, eles tenderão a desconstruir a memória e a identidade da “Cidade dos Arrecifes”.

## REFLEXÕES FINAIS

A *Calçada do Mar* foi apresentada, ao longo dessa investigação, a partir de diferentes perspectivas que se complementaram na tarefa de construir uma narrativa da paisagem. Aspectos relacionados ao tempo e ao espaço foram responsáveis, no presente estudo, pela unificação das diversas interpretações ou representações da *Calçada*, devido à diversidade de elementos e atributos que influem na sua percepção fenomênica.

Dentre os aspectos considerados, no que tange à variável tempo, a história da formação da cidade nos traz claros indicativos de que os arrecifes se oferecem ao entendimento como uma paisagem-gênese, pois trazem consigo a ideia de mito fundacional do Recife. Tal aspecto histórico nos remete ao século XVII, quando as primeiras atividades sociais em comunidade começaram a se desenvolver nas vilas de Olinda e Recife. Por outro lado, é importante não desconsiderar que, em certa medida, os mesmos arrecifes também foram incorporados pela historiografia oficial e descritos em função de seus próprios critérios narrativos. Para esta, o processo de desenvolvimento da cidade-porto é



relatado com foco nas atividades produtivas sobre o istmo – na porção continental que ligava essas duas cidades –, sem a indicação, muitas vezes, de que os arrecifes tiveram um peso importante no contexto de implantação e formação da cidade.

No que tange à variável espaço, os arrecifes costumam ser diretamente relacionados ao uso portuário, devido à condição natural que a geomorfologia local apresentava e ainda apresenta: um atracadouro natural de embarcações. Tal condição une esse acidente geográfico ao homem de ontem e de hoje, considerando que a identidade de porto subsiste no mesmo espaço, abrigada pela linha rochosa praial de sempre.

O estabelecimento dessa relação entre o elemento natural e o homem, entre objeto e sujeito no espaço-tempo, confunde os arrecifes com a própria constituição do que veio a ser a cidade do Recife; confusão esta não destituída de sentido, uma vez que, nesse processo, tal elemento geográfico, para além de servir de inspiração no processo de definição do topônimo, é capaz de suscitar uma totalidade compreensiva do que essencialmente constitui essa urbe.

Dessa maneira, partindo de uma realidade espaço-temporal, chegamos à revelação de uma paisagem formada a partir de uma operação cognitiva do sujeito: uma paisagem feita de porosidades, permeável, na qual transitam múltiplas sensações. Paisagem essa que extravasa e supera o seu limite físico e material, existindo através da subjetividade e coexistindo, provavelmente, em uma dimensão intersubjetiva.

Com base nesse raciocínio, conclui-se que a *Calçada do Mar*, em sua dimensão material, estrutura-se sobre um lugar de memória. Lugar que conforma uma imagem retroagida no tempo – não como relíquia, mas como elemento ativo que rearticula a história das pessoas com o espaço, conferindo sentido a seu presente.

Assim, o homem de hoje, como ser temporal e espacial, é capaz de compreender a *Calçada do Mar* como uma paisagem autorreferencial, porque as condições para isso ainda estão vívidas e vigentes. É possível encontrar tanto no objeto como no sujeito os nexos que remontam ao seu passado e o situam no presente, instigando-o a refletir sobre a “natureza” dessa paisagem enquanto um “para-si”. A função de lazer e o uso contemplativo dos arrecifes potencializam, ainda, essa percepção, ao viabilizar os banhos em águas amenas, nos períodos de baixa-mar, e a formação das piscinas naturalmente conformadas. Objeto e sujeito, então, nesse caso, são *corpus* interdependentes dados à porosidade, deixando-se impregnar mutuamente, bastando para isso uma sensível abertura do olhar.

Portanto, em pleno acordo com o pressuposto levantado no início deste artigo, consideramos que a *Calçada do Mar* traz, de forma latente e não explícita, uma significação ampliada, que ultrapassa a dimensão da geografia física e se expressa na condição de uma paisagem com enorme relevância sociocultural – verdadeiramente referencial para a cidade do Recife.

Por fim, ressaltamos que as inquietações aqui apresentadas resultaram em uma análise teórica sobre um objeto empírico. A partir daí será possível gerar



novos aprofundamentos, especialmente os que contemplam as formas de percepção e apropriação das pessoas, como sujeitos cognitivos, dessa linha rochosa praial. A fundamentação teórica derivada da filosofia da paisagem nas suas relações com a historiografia do lugar e com a observação dos usos do espaço na atualidade permitiu entrever que há uma necessidade de promover mais abordagens compreensivas para a cidade do Recife, a partir das paisagens que a identificam. Sem dúvida, a *Calçada do Mar* traz potencialmente toda a significância que sustenta as representações socioculturais dessa paisagem. Uma cidade-porto margeada por uma “calçada” merece toda a atenção de nosso olhar, que deve sempre respeitar o deleite de quem verdadeiramente passeia, na perspectiva de um reencontro com essa cidade.

## REFERÊNCIAS

- BARRETO, A. M. F. et al. Arrecifes, a Calçada do Mar de Recife, PE: importante registro holocênico de nível relativo do mar acima do atual. *Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil*, v. III, p. 251-262, 2010. Disponível em: <<http://sigep.cprm.gov.br/sitio040/sitio040.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2015.
- BARRETO, A. M. F. et al. Arrecifes, a Calçada do Mar de Recife, PE: importante registro holocênico de nível relativo do mar acima do atual. In: WINGE, M. et al. (Ed.). *Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil*. Brasília: CPRM, 2013. 332 p.
- BERQUE, Augustin. Paisagem, meio, história. In: BARTALINI, Vladimir. *Cinco propostas para uma teoria da paisagem*. Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2012, p. 31-42.
- CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins, 2007. 196p.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 14 jul. 2015.
- CORAJOU, Michel. A paisagem é o lugar onde o céu e a terra se tocam. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo. *Filosofia da paisagem: uma ontologia*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011. p. 215-227.
- EMBREE, Lester. *Análise Reflexiva* [E-book]. Bucharest: Zetta Books, 2011.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. 553p.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. In: *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em história*, São Paulo, PUC-SP, p. 7-28, 1981. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>>. Acesso em: 14 jul. 2015.
- PENA FILHO, Carlos. Livro Geral Poemas. In: LEÃO, Tânia Carneiro (Org.). *Guia prático da Cidade do Recife*. Recife: Graf. e Edit. Liceu, 1999.
- NÓS SOMOS A PAISAGEM: como interpretar a Convenção Europeia da Paisagem. Florence: Giunti Progetti Educativi, 2012. 37p.
- RECIFE. Lei n. 17.511, de 29 de dezembro de 2012. *Promove a revisão do Plano Diretor do Município do Recife*. Recife, 2008. Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=177629>>. Acesso em: 14 jul. 2015.
- RECIFE. Lei n. 18.014, de 09 de maio de 2014. *Institui o Sistema Municipal de Unidades Protegidas (SMPU Recife) e dá outras providências*. Recife, 2008. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/pe/r/recife/lei-ordinaria/2014/1801/18014/lei-ordinaria-n-18014-2014-institui-o-sistema-municipal-de-unidades-protegidas-smup-recife-e-da-outras-providencias>>. Acesso em: 14 jul. 2015.
- REIS, Nestor Goulart. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000. 411 p.
- SERRÃO, Adriana Veríssimo. *Filosofia da paisagem: uma ontologia*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011. 502 p.

SETTE, Mário. *Arruar: história pitoresca do Recife antigo* (Coleção Pernambucana), v. XII. Recife: Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria Estadual da Cultura, 1978. 368 p.

SIMMEL, George. *Filosofia da paisagem*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009. 18 p.

SOUZA, Maria Ângela de Almeida. *Posturas do Recife Imperial*. 2002, 266 p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, PE, 2002.

WINGE, M. et al. (Ed.). *Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil*. v. III. Brasília: CPRM, 2013. p. 252-262.

### Nota dos Autores

Financiamento da pesquisa: CNPq

### Nota do Editor

Data de submissão: 11/04/2016

Aprovação: 03/05/2017

Revisão: Igor Bandim (Editora da Universidade Federal de Pernambuco)

---

### Fábio Christiano Cavalcanti Gonçalves

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, PE.

CV: <http://lattes.cnpq.br/2099527475718318>

### Flora Oliveira de Souza Cardoso

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, PE.

CV: <http://lattes.cnpq.br/6985985149585165>

[flordeoliveira@gmail.com](mailto:flordeoliveira@gmail.com)

### Leonardo Brasil Mendes

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, PE.

CV: <http://lattes.cnpq.br/2570261353572394>

[lbrasilmendes@yahoo.com.br](mailto:lbrasilmendes@yahoo.com.br)

### Ana Rita Sá Carneiro

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, PE.

CV: <http://lattes.cnpq.br/9554652433700829>

[anaritacarneiro@hotmail.com](mailto:anaritacarneiro@hotmail.com)

### Lúcia Maria de Siqueira Cavalcanti Veras

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, PE.

CV: <http://lattes.cnpq.br/9146853256447280>

[luciamveras@yahoo.com.br](mailto:luciamveras@yahoo.com.br)